



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências
Humanas Departamento de
História

“DEUSES POR QUEM O JURAMENTO É RECEBIDO”:

UMA ANÁLISE DA BATALHA DE CANAS E DO TRATADO
ENTRE ANIBAL BARCA E FILIPE V DA MACEDONIA.

Daniel Luiz Alves da Costa

Monografia de Graduação

Brasília, dezembro de 2017



DANNIEL LUIZ ALVES DA COSTA

“DEUSES POR QUEM O JURAMENTO É RECEBIDO”:

UMA ANÁLISE DA BATALHA DE CANAS E DO TRATADO
ENTRE ANIBAL BARCA E FILIPE V DA MACEDONIA.

Monografia apresentada ao
Departamento de História, do Instituto de
Ciências Humanas, da Universidade de
Brasília, para a obtenção de grau de
licenciatura em História, sob a orientação
da Prof.º Dr. Henrique Modanez de
Sant’Anna.

Brasília

2017

*“Ou nós encontramos um caminho, ou
abrimos um. “*

(Anibal Barca)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha noiva, Larissa Neves Cordeiro Gomes, que me deu forças para passar por todas as dificuldades ao longo do caminho; a meus amigos, José Vitor e Beatriz Machado, pela distração e alegria que muitas vezes foi necessária; assim como a meus pais, Neide Luiz e Kleber Nicolau, por me darem a oportunidade de cursar a graduação em História que tanto quis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a meu orientador Henrique Modanez de Sant'Anna, por toda paciência, apoio e disponibilidade que me estendeu durante a realização desse trabalho, assim como por toda experiência ao longo da orientação e dos meus anos na graduação.

Meus agradecimentos, ainda, ao professor Kelerson, por aceitar presidir a banca, assim como aos professores Vicente e Virgílio, por aceitarem participar na avaliação deste trabalho.

RESUMO

A Segunda Guerra Púnica (218 a.C - 201 a.C), conflito entre Cartago e Roma, apesar de muitas vezes ser considerado uma continuação da Primeira Guerra Púnica, possui características e protagonistas notoriamente diferentes, além de ter maior impacto na história romana e militar do que qualquer outra no período. É durante essa guerra que se torna notória a figura de Aníbal Barca, considerados por muitos como um dos maiores generais e estrategistas da história, conhecido posteriormente como Inimigo de Roma. Aníbal seria responsáveis por alguns dos feitos mais surpreendentes do período, entre eles a travessia dos Pirineus e dos Alpes com um exército, incluído elefantes de guerra. Responsável também pela maior sequência de derrotas da história da República Romana, culminando no massacre que seria a Batalha de Canas. Uma das consequências da derrota romana durante essa batalha seria a assinatura do tratado entre Aníbal e Filipe V da Macedônia, ao qual este trabalho pretende analisar. Através da análise dos conflitos anteriores a assinatura do tratado, do impacto que a Batalha de Canas obteve e do texto do tratado em si, este trabalho pretende tornar claro as motivações e desdobramentos da aliança entre esses grandes comandantes.

Palavras-chave: Batalha de Canas, Aníbal Barca, Tratado, Filipe V

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – ASCENSÃO DOS INIMIGOS DE ROMA.....	
1.1 – ANÍBAL BARCA.....	10
1.2 - FILIPE V DA MACEDÔNIA	13
CAPÍTULO 2 – A BATALHA DE CANAS.....	
2.1 – A SEGUNDA GUERRA PÚNICA	15
2.2 – A BATALHA DE CANAS	19
2.3 – TRATADO MACEDÔNIO-CARTAGINÊS	24
DELIBERAÇÕES FINAIS	28
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	31

INTRODUÇÃO

Os historiadores que pesquisam sobre história antiga enfrentam uma série de dificuldades, desde a escassez de fontes até o valor dessas fontes para a construção de uma historiografia crítica. Apesar disso, essa época fascina tanto acadêmicos quanto leigos, o que torna vasto o número de pesquisas e livros abordando esse período.

O Império Romano talvez seja um dos focos mais utilizados na área de antiga devido ao tamanho e à importância que atingiu, sem contar as guerras, intrigas e excentricidades que tanto atraem os leitores e pesquisadores. Apesar de não ter tanto foco acadêmico quanto o Império, a República Romana criou as bases sobre as quais Roma viria a ser conhecida tanto por aliados quanto por inimigos na época, dentre elas a de principal potência militar e cultural.

Período turbulento na história romana, foi durante a República que aconteceram as Guerras Púnicas, nas quais Roma enfrentaria seu maior inimigo: Cartago. Liderada por Aníbal Barca, que ficaria conhecido como Inimigo de Roma e grande estrategista, durante a Segunda Guerra Púnica, Cartago seria responsável por protagonizar um dos maiores feitos da história da guerra na antiguidade, a invasão e quase derrota da República Romana.

Consequência direta da Primeira Guerra Púnica, a Segunda Guerra Púnica é objeto de pesquisa ou de estudo de vários estudiosos da história militar e política devido não só às políticas diplomáticas adotadas por Roma e Cartago com seus inimigos e aliados, mas também pelas estratégias que levaram a diversas vitórias cartaginesas em situações de desvantagem numérica. Feitos como o cruzamento do exército cartaginês pelos Alpes e a Batalha de Canas renderam a Aníbal reconhecimento como comandante militar, estadista e maior ameaça a Roma.

Apesar das grandes conquistas de Aníbal construírem um cenário de vulnerabilidade romana, a rápida recuperação e a subsequente vitória da mesma consolidaram a imagem de Roma como insuperável potência militar, tornando necessário o estudo dessa guerra e seus protagonistas.

Marcada pela apresentação de grandes líderes e épicos acontecimentos, a historiografia sobre a Segunda Guerra Púnica, entretanto, por vezes minimiza os impactos de alguns eventos que, apesar de parecerem pequenos, são essenciais para a compreensão dos desdobramentos da guerra e seus protagonistas. Ao analisarmos a aliança estabelecida entre Aníbal Barca e Filipe V da Macedônia, nos deparamos com uma pergunta que força uma análise de toda a política diplomática romana e da Segunda Guerra Púnica: Quais as possíveis motivações para a aliança Macedônio- Cartaginesa em 215 a.C?

Esta monografia tem como objetivo levantar hipóteses que respondam a essa pergunta dividindo o estudo e a análise em três partes. Primeiramente é preciso analisar como se deu a

ascensão de Aníbal a comandante das forças cartaginesas e o papel romano na construção do Inimigo de Roma, assim como explicar a carreira política e militar de Filipe V, culminando em sua decisão de se voltar contra Roma.

Em segundo lugar, é necessário entender o que foi a Batalha de Canas e por que ela é um marco importantíssimo não só para a aliança estabelecida como para toda a história romana. Um estudo sobre a batalha, suas estratégias, números e resultado nos darão uma melhor compreensão da magnitude de seu impacto na imagem de Roma junto a seus aliados e inimigos, dando abertura assim a alianças como essa estudada.

Por último uma análise da própria aliança, apresentando então suas motivações, seu conteúdo e as consequências de sua consolidação, como por exemplo a deflagração da Primeira Guerra Macedônica.

Assim como ressaltado anteriormente, a escassez de fontes primárias intactas torna difícil o trabalho de pesquisa em história antiga, entretanto, nesse caso contamos com dois autores que possuem grande credibilidade dentro do ambiente acadêmico, utilizadas como base para as análises e conclusões feitas nesse projeto. O primeiro é Políbio¹, historiador grego contemporâneo de grande parte dos eventos dos quais relata; o segundo, Tito Lívio², cujos trabalhos relatam a história de Roma.

¹ Polybius: *The Histories. The Loeb Classical Library (in Ancient Greek, English, and Latin)*. Translated by Paton, W.R. London; New York: William Heinemann; G.P. Putnam's Sone

² Livy. *History of Rome. Translated by B. O. Foster. Loeb Classical Library 114. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.*

CAPÍTULO 1 – A ASCENSÃO DOS INIMIGOS DE ROMA

1.1 – ANÍBAL BARCA

Filho de Amílcar Barca³, Aníbal viria posteriormente a ser considerado um dos mais maiores generais e estrategistas militares da história devido a suas conquistas durante a Segunda Guerra Púnica, principalmente na Batalha de Canas.

Nascido por volta do ano 247 a.C, Aníbal passaria seus primeiros anos de vida em um período de conflito entre a República Romana e Cartago, a Primeira Guerra Púnica. Seu pai, Amílcar, foi um grande general cartaginês, responsável por encerrar as forças romanas na Sicília, levando a um impasse⁴ que só terminaria com a assinatura do tratado de paz, dando fim à guerra.

O Tratado de Lutacio⁵, pondo fim a Primeira Guerra Púnica, foi motivo de grande descontentamento e dificuldades para Cartago devido aos duros termos. A perda da Sicília e a grande indenização a ser paga para Roma abalaram economicamente Cartago, aumentando o ódio de Amílcar e dos cartagineses pelos romanos. Esse ódio seria passado para Aníbal ao longo de sua criação como é perceptível no relato de Aníbal para Antíoco⁶ ao tentar exemplificar seu posicionamento quanto a República Romana:

Ele disse que quando seu pai estava para começar uma expedição para a Hispânia com seu exército, ele mesmo, na época com nove anos, estava em pé ao lado do altar, enquanto Amílcar fazia sacrifícios para Zeus. Quando, nos presságios que eram favoráveis, Amílcar derramou uma libação para os deuses e realizou os ritos costumeiros, ele ordenou que os outros presentes no sacrifício se afastassem a uma pequena distância e, chamando Aníbal, perguntou para ele gentilmente se gostaria de acompanhá-lo na expedição. Ao aceitar com deleite, e, como um menino, até implorar para fazê-lo, seu pai pegou sua mão, o guiou até o altar e pediu-lhe para pôr sua mão na vítima e jurar nunca ser amigo dos romanos.⁷

Ainda novo, Aníbal seria treinado para o combate, participando desde cedo nas campanhas de seu pai. Com dezoito anos, e após a morte de seu pai durante uma campanha, Aníbal recebeu

³ Amílcar Barca (c. 275 – 228 a.C) general e comandante das tropas terrestres cartaginesas na Sicília durante os últimos anos (247 – 241 a.C) da Primeira Guerra Púnica.

⁴ Polybius: **The Histories**: 1:56-58.6. The Loeb Classical Library (in Ancient Greek, English, and Latin). Harvard University Press, 1922 thru 1927. Translation by William Roger Paton.

⁵ *Ibid.*, 1:62.7-63.3

⁶ Antíoco III, o Grande (241 - 187 a.C), rei selêucida durante o período helenístico.

⁷ *He said that at the time when his father was about to start with his army on his expedition to Spain, he himself, then nine years of age, was standing by the altar, while Hamilcar was sacrificing to Zeus. When, on the omens being favorable, Hamilcar had poured a libation to the gods and performed all the customary rites, he ordered the others who were attending the sacrifice to withdraw to a slight distance and calling Hannibal to him asked him kindly if he wished to accompany him on the expedition. On his accepting with delight, and, like a boy, even begging to do it besides, his father took him by the hand, led him up to the altar, and bade him lay his hand on the victim and swear never to be the friend of the Romans.* Tradução nossa. *ibid.* Plb. 3:11.5

o comando das operações militares idealizadas por Asdrúbal⁸, sucessor de Amílcar, mostrando assim a confiança de seus superiores em suas capacidades de liderança e proeza militar.

Asdrúbal fica responsável pela campanha na Hispânia e a consolidação das terras conquistadas. Entretanto, diferente de Amílcar, esse preferia a diplomacia às campanhas militares, apesar de ter feito uso das mesmas expandindo ainda mais o território cartaginês na Hispânia e criando a capital Nova Cartago⁹, optando por garantir as conquistas cartaginesas na Hispânia e estabelecendo uma série de acordos com Roma e os povos da Ibéria. Entre esses acordos, está o Tratado de Ebro¹⁰ (225 a.C), que mais tarde seria supostamente quebrado, dando início assim a Segunda Guerra Púnica.

Com o assassinato de Asdrúbal em 221 a.C, Aníbal é aclamado pelas tropas como comandante supremo, mostrando que apesar da ausência de informações sobre as campanhas realizadas por Aníbal sob o comando de Asdrúbal, pode-se entender que o jovem cartaginês conquistou vitórias e acima de tudo a confiança e apoio das tropas. A chegada de Aníbal ao poder seria vista pelo exército como a volta de Amílcar, ainda adorado pelas suas habilidades de comando e estratégicas, como deixa claro Tito Lívio em sua obra:

Tão pouco Aníbal desembarcou na Espanha, se tornou o favorito de todo o exército. Os veteranos pensaram ver Amílcar retornar a eles como quando era em sua juventude; eles viram a mesma expressão determinada, os mesmos olhos penetrantes, as mesmas características.¹¹

Tito Lívio continua seu relato apontando as virtudes e características de Aníbal, fazendo uma descrição digna dos heróis mitológicos¹². Indo além, a ausência de *Hubris* e a proximidade com seus soldados devido a sua insistência em passar pelas mesmas situações em que eles viviam, “superam” o modelo grego de herói, aproximando-se do ideal romano de comandante.

Por três anos ele serviu sob Asdrúbal e durante todo esse tempo nunca perdeu uma oportunidade de ganhar, por prática ou observação, a experiência necessária para alguém que seria um grande líder dos homens.¹³

O trecho assim é interessante pois ajuda a entender um pouco da construção do personagem que viria a ser Aníbal Barca, um dos maiores comandantes militares da história. Quando pensamos em Aníbal, nosso primeiro pensamento são suas grandes e surpreendentes conquistas militares ou estratégias que garantiram sua vitória contra o maior dos inimigos em circunstâncias de desvantagem, assim como, desde a aliança forjada com as tribos gaulesas

⁸ Asdrúbal, o Justo (270 – 221 a.C), general cartaginês, assumiu o comando das forças cartaginesas em campanha na Hispânia após a morte de Amílcar, seu sogro.

⁹ Nova Cartago (228 a.C) foi fundada como capital do Império Cartaginês na Ibéria, serviria posteriormente como base para o lançamento do ataque de Aníbal a República Romana.

¹⁰ Livy. **History of Rome**: 21.2. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919. Translated by B. O. Foster

¹¹ *No sooner had Hannibal landed in Spain than he became a favorite with the whole army. The veterans thought they saw Hamilcar restored to them as he was in his youth; they saw the same determined expression the same piercing eyes, the same cast of features.* Tradução nossa. Tito Lívio. *Ibid* 21.4

¹² Liv. *Idem* 21.4

¹³ *For three years, he served under Hasdrubal, and during the whole time, he never lost an opportunity of gaining by practice or observation the experience necessary for one who was to be a great leader of men.* Tradução nossa Liv. *Idem* 21.4

durante sua marcha pelos Alpes até o acordo com Felipe V, ao qual este trabalho tem como foco, é possível observar a influência de seus comandantes e mentores, Amílcar e Asdrúbal, respectivamente.

É compreensível que, apesar de Tito Lívio ser romano, utilize-se de tantos elogios para descrever Aníbal. A República Romana era considerada a maior potência da época e indiscutivelmente possuía o maior e mais bem treinado exército, portanto o homem que viria a ser o Inimigo de Roma, ameaçando a existência da República, deveria ser alguém dotado de características militares brilhantes.

Entretanto, essa descrição não deve ser vista somente como o engrandecimento de um adversário na tentativa de enaltecer a superioridade e grandeza da própria República, pois Aníbal viria a demonstrar muitas dessas características antes mesmo de marchar contra Roma.

Após a morte de Asdrúbal e sua ascensão como comandante supremo, que seria ratificada pelo governo cartaginês, Aníbal continuaria a campanha de expansão e consolidação do Império Cartaginês na Ibéria, liderando campanhas contra os *Olcades* e *Vaccaeans*, povos que habitavam regiões da Ibéria. As conquistas dos Barcidas¹⁴ na Ibéria construíram a base para a futura invasão cartaginesa ao território romano, funcionando como base, fonte de suprimentos e soldados, além de servir como entrada para suporte vindo de Cartago durante a Segunda Guerra Púnica. Em 218 a.C, Cartago se estendia do Norte da África aos territórios da Ibéria além do rio Ebro, com exceção de uma cidade, Sagunto.

Sagunto possuía uma aliança com Roma, deixando-a em uma posição relativamente segura e garantindo que Aníbal manteria distância para evitar uma guerra com a República Romana uma vez que os romanos deixaram claro que um ataque a cidade seria considerado *casus belli*, um ato de guerra. Sagunto viria a mandar diversas mensagens para sua aliada avisando sobre a crescente ameaça que Cartago e, principalmente Aníbal, representavam, avisos aos quais o Senado não avaliou como preocupantes. Porém, tal segurança não duraria e utilizando argumentos garantir retribuição para as injustiças¹⁵ cometidas por Sagunto contra cartagineses, Aníbal marcha com suas tropas em direção a cidade e dá início ao Cerco a Sagunto.

O Cerco a Sagunto durou oito meses, terminando com as tropas de Aníbal tomando a cidade. Durante o período de cerco, os Romanos, que estavam focados nos combates na Ilíria, não enviaram auxílio a seus aliados, tendo notícias posteriormente da queda da cidade.

De acordo com Políbio¹⁶, embaixadores foram enviados a Cartago, carregando duas alternativas: Entreguem Aníbal e seus líderes, ou a guerra. Com a recusa do senado cartaginês, os embaixadores Romanos declaram guerra a Cartago, a qual aceita, dando início a Segunda Guerra Púnica.

¹⁴ Família cartaginesa ativa principalmente na política e no exército, tiveram papéis de protagonistas nas guerras púnicas. Amílcar, Asdrúbal e Aníbal são alguns de seus representantes mais distintos.

¹⁵ Polybius: **The Histories**: 3.15. The Loeb Classical Library (in Ancient Greek, English, and Latin). Harvard University Press, 1922 thru 1927. Translation by William Roger Paton.

¹⁶ *Ibid.* 3.20- 3.30

1.2 – FILIPE V DA MACEDÔNIA

Assim como Aníbal, Filipe é considerado um dos melhores comandantes da época, tendo conquistado diversas vitórias com proezas e estratégias rápidas e precisas.

Nascido em 238 a.C para Demétrio II, era herdeiro do trono macedônico que, apesar de começar a perder influência sob as nações helenísticas, ainda exercia controle sobre várias áreas gregas. Tendo apenas oito anos quando seu pai morre em 229 a.C, Antígono III Dóson assume o governo da Macedônia como guardião de Filipe.

Aos dezessete anos¹⁷, Filipe assume o comando do império macedônico, o qual foi restaurado e fortificado durante a administração de Antígono. Começa a ascensão de Filipe a grande comandante e conquistador, onde evidenciam-se as características e tendências expansionistas de seu governo.

Desde o começo de seu governo, Filipe tem como principal inimigo a Liga Etólia¹⁸, apesar de inicialmente evitar entrar em conflito direto com a liga, mesmo a custo da perda de território de seus aliados. Após a tomada de Cineta e a derrota da Liga Aqueia¹⁹, Filipe entra em guerra com a Liga Etólia, dando início também a suas ambições expansionistas.

Durante esses conflitos que ele se destacaria como comandante e estrategista, não só pelas conquistas, mas pela forma como as atingia, como pode ser visto em sua marcha para Corinto durante o inverno, quando nenhum de seus aliados ou inimigos esperava seu retorno até o fim da temporada. Marchando com um pequeno exército seletivo, Filipe surpreenderia²⁰ os Etólios conquistando todo o território de Elis²¹ após a tomada de Trifília²².

Além de suas qualidades militares, de acordo com Políbio, Filipe era considerado um rei querido na macedônia e na região do Peloponeso. Entretanto, as qualidades de monarca acabam ofuscadas pela tirania que viria a adotar.

Filipe, tanto pelo seu comportamento com aqueles que se associava no campo e pela sua ousadia em batalha, estava ganhando alta reputação não só com aqueles que serviam com ele mas entre todo o resto dos peloponnesians. Seria difícil encontrar um príncipe mais ricamente dotado pela natureza com qualidades requisitadas para realização do poder. Ele possuía rápida inerência, memória retentiva e grande charme pessoal, como também a presença, autoridade para se tornar rei e acima de tudo, habilidade e coragem como general. O que viria a derrotar todas essas qualidades transformaria um rei com tão boas qualidades em um tirano selvagem, é

¹⁷ Polybius: **The Histories**: 4.5. The Loeb Classical Library (in Ancient Greek, English, and Latin). Harvard University Press, 1922 thru 1927. Translation by William Roger Paton.

¹⁸ Confederação de cidades e tribos da região Etólia, criada para se opor a Macedônia e a Liga Aqueia. Foram aliados de Roma durante a primeira e segunda guerras macedônicas, na tentativa de derrotar Filipe V da Macedônia.

¹⁹ Confederação de cidades-Estado gregas da região da Aqueia, inicialmente aliados de Filipe V durante a Primeira Guerra Macedônica, aliam-se aos Romanos da segunda, auxiliando na expansão da República pelos territórios gregos.

²⁰ *Ibid.* 4.67.6 – 4.80

²¹ Região situada na península do Peloponeso, ao norte de Acaia e leste de Arcádia.

²² Cidade na região de Elis, foi capturada por Filipe V da macedônia durante sua campanha contra os Etólios.

difícil de explicar[...]²³

Essa mudança de personalidade é atribuída principalmente por Políbio a corrupção e sede de conquistas que o poder causa, assim como péssimo aconselhamento de seus conselheiros pessoais entre eles principalmente Demétrio de Pharos²⁴. É inclusive atribuído a Demétrio a mudança de foco de Filipe para o conflito que estava acontecendo na península Itálica entre Roma e Cartago²⁵, entretanto seria só em 216 a.C após a vitória cartaginesa em Canas que Filipe tomaria interesse em participar da campanha contra Roma.

Diferente de Aníbal, ao qual o desentendimento com Roma provinha de um sentimento de vingança e retribuição herdado de seus mentores e do povo cartaginês pós-Primeira Guerra Púnica, as razões de Filipe para se aliar a Cartago contra Roma estão voltadas para o expansionismo e a tentativa de controlar as terras a leste do Adriático.

²³ *Philip, then, both by his behavior to those with whom he was associated in the camp and by his ability and daring in the field, was winning a high reputation not only among those serving with him but among all the rest of the Peloponnesians. For it would be difficult to find a prince more richly endowed by nature with the qualities requisite for the attainment of power. He possessed a quick intelligence, a retentive memory, and great personal charm, as well as the presence and authority that becomes a king, and above all ability and courage as a general. What indeed it was that defeated all these advantages, and turned a king of such good natural parts into a savage tyrant, is not easy to explain [...]* Tradução nossa. Ibid. Plb. 4.77

²⁴ Rei de Pharos e governante de parte da Ilíria sob comando de Roma. Após ser exilado pelos romanos durante a Segunda Guerra Ilírica, se refugia na corte de Filipe, tornando-se um de seus mais confiáveis conselheiros.

²⁵ Ibid. 4.66

CAPÍTULO 2 – A BATALHA DE CANAS

2.1 A SEGUNDA GUERRA PÚNICA

A tomada de Sagunto por Aníbal em 219 a. C e a declaração de guerra estabelecida entre emissários romanos e o Senado cartaginês marcam o início da Segunda Guerra Púnica (218 – 201 a.C).

Com a deflagração da guerra, começam os preparativos para a guerra. Aníbal garantiu a segurança tanto de Cartago quanto de seus territórios na Hispânia, Asdrúbal²⁶, seu irmão, encarregado da defesa da Hispânia em sua ausência. As tropas estacionadas nesse território serviriam tanto para proteção das terras quanto para eventual reforço de suas linhas durante a campanha na península itálica.

Tendo completado os arranjos que mencionei acima durante o inverno e, assim, assegurando a segurança da África e Espanha, ele avançou no dia que programou com um exército de noventa mil a pé e doze mil a cavalo.²⁷

Com esse contingente, Aníbal tentaria realizar uma façanha engenhosa e perigosa que, apesar de lhe custar parte de suas forças, ganharia o elemento surpresa, dando-lhe uma vantagem inicial sob a investida aos territórios romanos, a travessia dos Alpes.

Saindo de Sagunto, Aníbal marcha em direção aos Alpes, conquistando em seu caminho as tribos gálicas e seus territórios. Essas conquistas e a predisposição de algumas em favor de Roma obriga-o a deixar para trás onze mil homens de seu contingente, garantindo assim o controle sobre os territórios conquistados. Um número quase igual de soldados foi enviado para casa, na esperança de, na necessidade de reforços, esses estariam dispostos rapidamente. Agora com aproximadamente cinquenta e nove mil homens, entre infantaria e cavalaria, Aníbal começaria sua travessia pelos Pirineus.

Durante sua travessia, os romanos preparavam sua própria investida, designando os Cônsules²⁸ Públio Cornélio Cipião²⁹ e Tibério Semprônio Longo para as campanhas na Hispânia e na África, respectivamente.

O general cartaginês teria ainda que enfrentar os celtas em sua tentativa de cruzar o rio Ródano, para continuar sua marcha em direção aos Alpes. Apesar da incredulidade de Públio Cipião ao receber mensagens informando da travessia de Aníbal pelos Pirineus e a velocidade de seu avanço, o cônsul envia um pequeno destacamento da cavalaria para auxiliar os celtas na proteção da passagem.

²⁶

²⁷ *Having completed the arrangements I mentioned above during the winter and thus assured the security of Africa and Spain, he advanced on the day he had fixed with an army of about ninety thousand foot and twelve thousand horse.* Tradução nossa. Ibid. Plb. 3.15

²⁸ Cargo mais alto na política romana, eram responsáveis pelas questões civis e militares. Eram sempre dois, para evitar a tirania e acúmulo de poder, sendo eleitos para mandatos de um ano.

²⁹ Não confundir com Públio Cornélio Cipião Africano, responsável pela derrota cartaginesa na Segunda Guerra Púnica e a vitória durante a batalha de Zama durante a Terceira Guerra Púnica, do qual era pai.

Mesmo com as baixas, principalmente em sua cavalaria Numidiana, e com as dificuldades em atravessar seu exército pelo rio, trinta e dois elefantes inclusos, Aníbal sai vitorioso, iniciando a travessia dos Alpes.

A essa altura, mesmo com sucesso parcial do trajeto e dos embates, o custo que tal rota teria já era claro. A marcha pelos Alpes seria árdua, o risco de ataques gauleses, o clima, o tamanho do exército para tal expedição e a possibilidade de interceptação por tropas romanas tornavam essa uma tentativa inusitada e perigosa. Entretanto, mesmo sabendo dos riscos, Aníbal optou por esse caminho, sabendo que devido à ausência de portos seguros e a potência marítima que era a República Romana, uma travessia por mar seria ainda menos possível.³⁰

Apesar da dificuldade, a escolha do trajeto surpreendeu os romanos, que, nunca imaginando que a guerra ocorreria em seu próprio território, haviam designado parte de suas forças para a África e a Hispânia. Esse erro de cálculo ganhou o tempo necessário para Aníbal cruzar os Pirineus e os Alpes, levando assim a guerra para a península itálica.

A travessia exigiria do general cartaginês toda a sua habilidade militar e diplomática, caso contrário, a expedição estaria condenada. Através do suborno e diplomacia, Aníbal continuaria seu trajeto através de território gaulês, conquistando o apoio das tribos ao longo do processo. Essa ajuda seria necessária para a travessia, devido aos conhecimentos das tribos sobre a região, para evitar ataques constantes e para conseguir os suprimentos necessários para suas tropas.

No momento da visita de Aníbal, uma disputa estava acontecendo entre dois irmãos que estavam aspirando a soberania [...] A precisa chegada de Aníbal à cena levou a questão a ser designada a ele; ele deveria decidir qual reivindicação ao reinado era legítima. Ele se pronunciou em favor do irmão mais velho, que tinha suporte do senado e dos líderes. Em retorno pelo seu serviço ele recebeu assistência em provisões e suprimentos de todos os tipos, especialmente roupas [...].³¹

O trecho assim é um exemplo das tentativas de Aníbal de ganhar o apoio dos diversos grupos gauleses da região. Entretanto, nem sempre subornos ou diplomacia funcionavam e durante o percurso, suas tropas tiveram que combater algumas emboscadas ou ataques de tribos não amigáveis, além de subjugar outras tribos que se opunham a seu avanço, como pode ser visto no relato abaixo sobre o confronto com os Taurinos³².

[...] ele inicialmente propôs a eles amizade e aliança, mas ao ser recusado ele acampou ao redor de sua principal cidade e a subjugou em três dias. Ao massacrar aqueles que se oporam a ele, desencadeou tal horror nas tribos bárbaras vizinhas que todos eles

³⁰ FRONDA; Michael P., 2011, p.251.

³¹ *At the time of Hannibal's visit, a quarrel had broken out between two brothers who were each aspiring to the sovereignty. [...] Hannibal's timely appearance on the scene led to the question being referred to him; he was to decide who the legitimate claimant to the kingship was. He pronounced in favor of the elder brother, who had the support of the senate and the leading men. In return for this service, he received assistance in provisions and supplies of all kinds, especially of clothing [...].* Tradução nossa. Tito Lívio, 21.31

³² Povo celta que ocupou a região superior do rio Pó.

vieram se submeter a ele.³³

É importante ressaltar que, até hoje, a travessia de Aníbal e suas tropas pelos Pirineus e pelos Alpes é marcada por controvérsias e versões variadas. O próprio Políbio dedica algumas páginas de sua obra para falar sobre as “narrativas fantasiosas e falsas” quanto a esse trajeto, inclusive apresentando algumas, destacando as possíveis rotas que o general poderia ter tomado e apresentando um detalhamento quanto a topografia das regiões.³⁴

Independentemente da versão, no início de sua campanha contra Roma, Aníbal consegue atravessar os Alpes com o restante de suas tropas, incluindo alguns elefantes de batalha³⁵, realizando um feito inédito até aquele momento e surpreendendo os Romanos. Públio Cipião, depois da derrota de seus enviados as margens do rio Ródano, optou por retornar para impedir o avanço de Aníbal, deixando seu irmão Cneu Cipião com suas tropas para dar continuidade com a campanha na Hispânia.

Incapaz de chegar a tempo para impedir a entrada de Aníbal em território romano, P.Cipião se dirige para a Planície Padana, aguardando a chegada das forças cartaginesas para conter seu avanço. A batalha que se segue ficou conhecida como Batalha de Ticino (218 a.C), pois aconteceu as margens do rio de mesmo nome. Aníbal, que ao sair dos Alpes possuía apenas vinte mil homens de infantaria e seis mil de cavalaria do seu número inicial conquista uma vitória contra Públio Cipião, que severamente ferido é obrigado a recuar para Trebia para se recuperar e aguardar a chegada de Tibério S. Longo e suas tropas.

A vitória de Aníbal, em desvantagem numérica, sob um cônsul romano, em território da república conquistou para ele a aliança de vários povos celtas nas vizinhanças, incluindo alguns no próprio exército romano que, dada a oportunidade, traíram³⁶ os romanos e se aliaram ao general cartaginês, matando muitos soldados romanos em sua fuga. Tais alianças renderam aos cartagineses o suporte, tanto em suprimentos quanto em soldados, necessário para dar continuidade a campanha.

A Batalha de Trebia³⁷ (218 a.C) pode ser considerada um exemplo do que seriam os primeiros anos da Segunda Guerra Púnica. Aproveitando-se dos seus conhecimentos sobre as inclinações agressivas e precipitadas de Tibério, além de estudar o terreno no qual batalhariam, Aníbal cria uma estratégia utilizando-se do elemento surpresa, tão característico de suas táticas, e do terreno propício para uma emboscada, derrota as forças romanas. Milhares de soldados romanos pereceram nessa batalha, o Senado foi obrigado a convocar auxílio de aliados e, com o apontamento de Caio Flaminio como cônsul, tentar uma nova investida contra a invasão

³³ [...] he at first made overtures for their friendship and alliance, but on their rejecting these he encamped round their chief city and reduced it in three days. By massacring those who had been opposed to him he struck such terror into the neighboring tribes of barbarians that they all came in at once and submitted to him. Tradução nossa. Plb.3.60.9

³⁴ Plb. 3.36 – 3.37, 3.47 – 3.48

³⁵ Políbio, em sua narrativa quanto a travessia dos Alpes, explica como teria acontecido o transporte e travessia desses elefantes (Plb. 3.46)

³⁶ *Ibid.* Plb.3.67

³⁷ Plb. 3.71; Liv. 21.54

cartaginesa.

Em 217 a.C, Flaminio, acampado com suas tropas na Etrúria, esperava a chegada de reforços de seu colega de mandato Cneu Servílio Gêmino para impedir o avanço dos cartagineses. Entretanto, o reforço nunca chegaria, pois, ao saber que as forças de Aníbal os ignoraram e pilhavam as terras a frente, Flaminio marcha com suas tropas em perseguição. Posteriormente, historiadores iriam considerar a Batalha do Lago Trasimeno³⁸ como a maior emboscada da história, onde um exército inteiro foi massacrado por outro igualmente numeroso em uma emboscada.

O que Flaminio não sabia ao perseguir as tropas de Aníbal é que o cartaginês, ciente das características do cônsul como comandante militar, antecipou que, se ignorado, Flaminio enfurecido iria atrás do inimigo que assolava suas terras, o que permitiu a Aníbal preparar, as margens do lago Trasimeno uma emboscada.

Aproveitando-se da topografia da região e do clima de nevoa da manhã da batalha, as forças cartaginesas escondidas nas colinas atacaram as tropas romanas que marchavam para o acampamento inimigo. Presos entre as margens lamacentas do lago, o inimigo que descia sobre eles e a pouca visibilidade da manhã, os romanos ofereceram pouca resistência antes de serem massacrados.

De acordo com Políbio, aproximadamente vinte e um mil soldados romanos foram mortos durante o conflito, entre eles o próprio cônsul e outros quinze mil capturados como prisioneiros.

É interessante analisar, momentaneamente, outro ponto da estratégia de Aníbal para a obtenção de aliados e o isolamento de Roma. Após as batalhas de Trebia e Trasimeno, é relatado que o comandante cartaginês capturou prisioneiros, porém manteve apenas aqueles de origem romana e libertou os outros para voltarem para suas casas.

[...] ele não veio para lutar com os Italianos, mas sim contra os romanos pela libertação da Itália. ³⁹

O trecho acima exemplifica o discurso de Aníbal, evidenciando, como é apontado por Michael P. Fronda⁴⁰, que com isso o general cartaginês buscava conquistar mais aliados e acabar com as alianças e colônias dos romanos na Península Itálica.

A derrota esmagadora a beira do lago Trasimeno abalaram Roma, incitando o apontamento de Quinto Fábio Máximo como *Dictator*⁴¹, deixando sob sua responsabilidade a campanha contra Aníbal.

As táticas de Fábio para lidar com as forças inimigas, apesar de posteriormente terem

³⁸ Plb. 3.83–5; Liv. 22.4

³⁹[...] he was not come to fight with the Italians, but with the Romans for the freedom of Italy. Tradução nossa. Plb.3.85

⁴⁰ FRONDA; Michael P., 2011, p.246-252.

⁴¹ Cargo extraordinário, era ocupado somente em momentos de emergência sob apontamento do Senado. Detinha poderes absolutos sob as questões militares.

sido exaltadas, inicialmente causaram desconforto e revolta dos romanos, pois essas, diferentemente do tradicional modo de guerra romano voltado para batalhas decisivas em larga escala entre exércitos opositores, consistia em conflitos pequenos e rápidos, voltados para atacar suprimentos ou pequenos contingentes do inimigo, diminuindo suas forças e recursos lentamente, algo semelhante ao que viria um dia a ser chamado táticas de guerrilha.

Essa tática tinha como objetivo enfraquecer as forças inimigas enquanto ganhava tempo para Roma se recuperar de suas derrotas, entretanto, muitos em Roma entenderam como covarde esse tipo de guerra, inclusive dando a Fabio o “título” de *Cunctator*, aquele que adia.

É importante ressaltar que apesar de repudiada inicialmente, “estratégia Fabiana” seria utilizada novamente durante a Segunda Guerra Púnica, garantindo uma mudança no rumo da guerra. Fabio foi exaltado como comandante militar, inclusive, o título pejorativo ao qual recebera (*Cunctator*) foi convertido em um título de hora real.

Em 216 a.C, terminado o mandato de *Dictator*, são eleitos dois novos cônsules: Lúcio Emílio Paulo e Caio Terêncio Varrão. A eles foi confiado a tarefa de levar Aníbal para uma batalha decisiva, trazendo a vitória para os Romanos. Entretanto, seriam responsáveis pela maior derrota na história romana, responsável pela consagração de Aníbal Barca como um dos maiores generais e estrategistas da história, a Batalha de Canas.

2.2 A BATALHA DE CANAS (216 a.C)

Diferentemente das demais batalhas até o momento em que brevemente foram analisadas, a Batalha de Canas merece uma atenção extra, devido ao impacto que teve para a história e para o desenrolar da Segunda Guerra Púnica.

A cidade de Canas ficava localizada na região da Apúlia, no sudeste da península Itálica. Foi construída em cima de uma colina próxima ao rio Afúdio (atual Ofanto), cercado por planícies, aonde a Batalha de Canas teria ocorrido.

Além do resultado em si, a experiência em Canas possui tamanho impacto devido a magnitude do exército romano que lutou na batalha.

Eles decidiram levar oito legiões a campo, algo que nunca tinha sido feito pelos romanos anteriormente, cada legião consistindo em cinco mil homens, sem contar aliados. Como eu expliquei previamente, eles invariavelmente empregavam quatro legiões, cada uma com quatro mil homens a pé e duzentos a cavalo, mas, em ocasiões de excepcional gravidade, aumentavam o número de soldados a pé em cada legião para cinco mil e os da cavalaria para trezentos. Eles faziam o número da infantaria aliada igual ao de legiões romanas, mas, pela regra, a cavalaria aliada era três vezes o número da romana. Eles davam a cada Consul metade dos aliados e duas legiões quando os mandavam para a batalha, e a maioria de suas guerras era decidida por um Consul com duas legiões e o número acima de aliados, sendo raras as ocasiões em que empregavam toda a sua força de uma vez em uma única batalha. Porém, agora estavam tão alarmados e ansiosos quanto ao futuro que decidiram levar não quatro, mas oito legiões para a ação.⁴²

⁴² They decided to bring eight legions into the field, a thing which had never been done before by the Romans, each legion consisting of about five thousand men apart from the allies. 10 For, as I previously explained, they

O trecho acima apresenta o possível número de tropas levadas pelos romanos para a batalha. Apesar de haver controvérsias quanto a esses valores⁴³, é usualmente aceito os números apresentados por Políbio, devido a credibilidade que este possui.

O número anormalmente grande de soldados romanos empregados para esse conflito ressaltam a preocupação do Senado com a ameaça que era Aníbal e principalmente que os encontros anteriores com o exército cartaginês marcaram profundamente a moral dos romanos como soberania militar da época. Composto de oito legiões e número igual de tropas aliadas, esse massivo exército tinha como objetivo trazer a batalha definitiva e garantir a derrota de Aníbal.

Por outro lado, o exército cartaginês presente na batalha não ultrapassava cinquenta mil homens, formado por cartagineses como corpo principal, e reforçado por tropas aliadas ou conquistadas por Aníbal, espanhóis, ibéricos, celtas e gauleses. Esses números, assim como os de romanos, estão envoltos em controvérsias, devido à ausência de fontes confiáveis para a verificação, onde autores apresentam quantidades variadas com base em análises das forças disponíveis para ambas as nações naquela época. Em seu livro, Gregory Daly⁴⁴ analisa a Batalha de Canas pelos aspectos históricos e militares e, para tanto, apresenta as controvérsias relacionadas a esse evento, desde o número de tropas empregadas por cada lado até o exato local, ao redor de Canas, aonde teria acontecido o confronto.

Apesar das discussões quanto ao real número de tropas, e assim como os demais confrontos até aquele momento, é acordado que as forças cartaginesas eram consideravelmente menores que as romanas, multiplicando, ainda assim, o impacto que teria essa derrota na soberania da República Romana.

No verão de 216 a.C, o exército romano, que marchava em busca dos cartagineses avistam o acampamento inimigo próximo a Canas e montando seu próprio acampamento, garantem o cenário para a próxima batalha decisiva. Entretanto, durante os próximos dois dias, tropas cartaginesas e romanas teriam várias escaramuças ao longo das margens do rio Afúdio e, apesar de Aníbal tentar atrair os romanos para uma batalha final, durante algum tempo não obteve êxito, devido as constantes discussões entre os Cônsules, que não chegavam a um entendimento.

Varrão, movido por sua inexperiência e ansiedade, desejava um confronto direto com o exército cartaginês, principalmente impulsionado pelo resultado positivo das escaramuças em favor dos romanos. Entretanto Paulo, cauteloso e experiente, preferia evitar esse confronto, preferindo tentar atrair Aníbal para um local mais vantajoso para as legiões. A alternância no

invariably employ four legions, each numbering about four thousand foot and two hundred horse, 11 but on occasions of exceptional gravity, they raise the number of foot in each legion to five thousand and that of the cavalry to three hundred. 12 They make the number of the allied infantry equal to that of the Roman legions, but, as a rule, the allied cavalry are three times as numerous as the Roman. 13 They give each of the Consuls half of the allies and two legions when they dispatch them to the field, 14 and most of their wars are decided by one Consul with two legions and the above number of allies, it being only on rare occasions that they employ all their forces at one time and in one battle. 15 But now they were so alarmed and anxious as to the future that they decided to bring into action not four legions but eight. Tradução nossa. Plb. 3.107.9–15

⁴³ Tito Lívio, por exemplo, apresenta setenta mil homens, enquanto outros autores posteriores alteram ainda mais esse valor.

⁴⁴DALY, Gregory. *Cannae: The Experience of Battle in the Second Punic War*. London, England: Routledge, 2002.

comando – o comando das tropas era alternado diariamente entre os cônsules – garantiu um período de pequenos confrontos entre as duas tropas, mas sem um confronto decisivo.

A preocupação de Paulo quanto ao local da batalha se devia ao fato de que, o local no qual se encontravam eram planícies abertas, desprovidas de árvores, cenário que favoreceria a cavalaria cartaginesa, superior em número e habilidades.

Ao terceiro dia, sob o comando de Varrão, as forças romanas deixaram o acampamento e marcharam para a batalha. A formação romana era clássica, com sua infantaria no centro, flanqueados pela cavalaria romana de um lado e a aliada do outro. O cônsul optou por concentrar a infantaria pesada romana no centro de sua formação, com o objetivo de quebrar a formação cartaginesa (como havia acontecido na batalha de Trebia).

Aníbal, entretanto, optou por posicionar suas tropas em um formato convexo, com sua infantaria leve de espanhóis e celtas a frente, cercados de ambos os lados pela infantaria pesada africana. As cavalarias espanhola e celta foram posicionadas contra a romana, enquanto a numídia, mais leve e versátil contra a cavalaria dos aliados de Roma.

Inicialmente, a infantaria leve cartaginesa se vê pressionada pela força concentrada da infantaria romana, sendo obrigados aos poucos a recuar cada vez mais. A vantagem da infantaria romana era clara, garantindo assim o avanço contínuo das tropas e o recuo dos adversários.

Apesar da aparente vantagem romana na infantaria, sua cavalaria, as margens do rio, foi dizimada pela cavalaria espanhola e celta dos cartagineses. Essas, ao finalizarem, se dirigem para auxiliar a cavalaria numídia, atacando a cavalaria aliada pela retaguarda.

O posicionamento cartaginês durante a Batalha de Canas é considerado uma das façanhas estratégicas mais brilhantes de Aníbal. Apesar de inicialmente ceder sob a força do avanço da legião romana, essa situação havia sido antecipada pelo general cartaginês. A formação cartaginesa que inicialmente tinha um formato convexo, sob o avanço das tropas romanas adquiriu uma forma côncava, alterando o andamento da batalha.

Apesar da infantaria espanhola e celta ao centro estar equipada de forma leve, as tropas africanas posicionadas nas laterais estavam fortemente equipadas⁴⁵. Aníbal equipou suas tropas com os aparatos de alta qualidade romanos conquistados durante as batalhas anteriores (Trebia e Trasimeno), transformando-os em sua força principal. Essa infantaria fortemente equipada, que até aquele momento estavam quase intocados pelo combate devido a formação inicial, agora atacavam a infantaria romana presa dentro da formação côncava das forças cartaginesas.

A cavalaria aliada comandada por Varrão, que até aquele momento se encontrava em um impasse com a numídia, ao ver a aproximação da cavalaria cartaginesa foge. Habilmente, Asdrúbal⁴⁶, que comandava a cavalaria espanhola e celta, decide deixar a perseguição para a

⁴⁵ Ibid. Plb.3.114

⁴⁶ Oficial Cartaginês responsável pelo comando da cavalaria espanhola e celta durante a Batalha de Canas. Não confundir com Asdrúbal Barca, irmão de Aníbal e general cartaginês, que comandava as forças cartaginesas na Ibéria.

cavalaria numídia, sabendo da vantagem da mesma nesse tipo de confronto, enquanto ele direciona suas forças para atacar a retaguarda da infantaria romana. Cercadas pela infantaria africana e flanqueadas pela cavalaria cartaginesa, as legiões romanas são massacradas sem a possibilidade de fugir.

Tal foi o resultado da batalha em Canas entre os romanos e os cartagineses, uma batalha na qual tanto os vencedores como os vencidos mostraram uma valentia conspícua, como foi demonstrado pelos fatos. Dos seis mil da cavalaria, setenta escaparam para Venusia com Terêncio e cerca de trezentos da cavalaria aliada chegaram a diferentes cidades em grupos dispersos. Da infantaria, cerca de dez mil foram capturados, mas não na batalha real, enquanto apenas talvez três mil escaparam do campo para cidades vizinhas. O resto, de setenta mil, morreu bravamente. Tanto nesta ocasião quanto nas anteriores, a sua cavalaria numerosa contribuiu mais para a vitória dos cartagineses e demonstrou à posteridade que, em tempos de guerra, é melhor dar a batalha com a metade da infantaria que o inimigo e uma força irresistível de cavalaria do que ter igual. Do exército de Aníbal caiu cerca de quatro mil celtas, mil e quinhentos espanhóis e africanos e duzentos da cavalaria.⁴⁷

Desde 218 a.C com o início da Segunda Guerra púnica, os Romanos foram acometidos por diversas derrotas, algumas das quais foram consideradas derrotas absolutas e demonstrações da superioridade estratégica do inimigo (Trebia e Trasimeno), entretanto, até aquele momento, Roma havia sido capaz de manter seu status e sua compostura.

A Batalha de Canas pode ser considerada um massacre. Assim como apontado no trecho destacado, cerca de setenta mil romanos foram mortos aquele dia, entre eles, um cônsul, Emilio Paulo e dois ex-cônsules. O cônsul sobrevivente, Caio Terêncio Varrão, caiu em desgraça devido a sua fuga do campo de batalha. Roma, considerada a grande potência militar da época, havia colocado a maior força já vista em campo, e perdido. A soberania romana, sua moral e seu poder militar haviam sido destruídos com essa derrota.

O medo se espalharia entre os romanos e aliados, o Senado fortifica as defesas de Roma, aguardando por um ataque cartaginês a qualquer momento. Alguns aliados da República Romana convocam Aníbal para dialogar, Roma perde o controle a soberania sob a península itálica.⁴⁸

Apesar da vitória, Aníbal também sofreu um grande impacto em suas tropas com essa batalha. Entre os relatos de Tito Lívio e Políbio⁴⁹, aproximadamente sete mil foram as baixas de Aníbal, apesar de parecer um número ínfimo se comparado com as perdas romanas, devemos levar em consideração que Aníbal não estava em posição de perder tantos homens. Levando em conta

⁴⁷ *Such was the outcome of the battle at Cannae between the Romans and Carthaginians, a battle in which both the victors and the vanquished displayed conspicuous bravery, as was evinced by the facts. For of the six thousand cavalry, seventy escaped to Venusia with Terentius, and about three hundred of the allied horse reached different cities in scattered groups. Of the infantry about ten thousand were captured fighting but not in the actual battle, while only perhaps three thousand escaped from the field to neighbouring towns. All the rest, numbering about seventy thousand, died bravely. Both on this occasion and on former ones their numerous cavalry had contributed most to the victory of the Carthaginians, p291 and it demonstrated to posterity that in times of war it is better to give battle with half as many infantry as the enemy and an overwhelming force of cavalry than to be in all respects his equal. Of Hannibal's army there fell about four thousand Celts, fifteen hundred Spaniards and Africans and two hundred cavalry. Tradução nossa. Ibid. Plb. 3.117*

⁴⁸ Plb. 3.118; Liv.22.61

⁴⁹ Plb. 3.117.6; Liv. 22.52.6

que ao descer do Alpes suas forças giravam em torno de vinte mil soldados, que sua campanha contra Roma necessitava da adição de soldados adquiridos dos aliados formados durante o percurso, a dificuldade em trazer reforços tanto por terra quanto por mar (ainda aconteciam disputas na Hispânia e Roma ainda controlava os portos), a perda cartaginesa nesse conflito foi certamente significativa.

Apesar da vitória e do crescente medo romano, mais uma vez, e contra o aconselhamento de alguns, Aníbal não ordena a marcha em direção a Roma.

Entre o início da Segunda Guerra Púnica em 218 a.C e a Batalha de Canas em 216 a.C, Filipe V estava lutando a Guerra Social⁵⁰, durante o qual, o rei macedônio recebia constantes relatórios quanto a situação do conflito na península itálica. Após o fim dessa guerra em 217 a.C, Filipe decide expandir seus territórios, voltando-se para a Ilíria e para as terras a leste do Adriático.

Em 216 a.C após uma tentativa frustrada de invadir a Ilíria, Filipe recebe notícias da derrota romana em Canas. Decidido a tomar partido pela causa cartaginesa, Filipe envia um emissário a Aníbal com o objetivo de estabelecer uma aliança.

Esta luta entre as nações mais poderosas do mundo atraiu a atenção de todos os homens, reis e povos, e especialmente de Philip, o Rei da Macedônia, como estava comparativamente próximo da Itália, separado do mesmo pelo Mar Jônico. Quando ele ouviu pela primeira vez o rumor da passagem dos Alpes de Hannibal, apesar de encantado com o início da guerra entre Roma e Cartago, ele ainda estava indeciso, até que a força relativa deles tivesse sido testada, qual dos dois preferiria que tivesse a vitória. Mas depois que a terceira batalha foi travada e os cartagineses foram vitoriosos pela terceira vez, inclinou-se para o lado que a Fortuna favoreceu e enviou embaixadores a Hannibal. Evitando os portos de Brindisi e Tarento, que eram guardados pelos navios romanos, aportaram perto do templo de Juno Lacinia. Enquanto atravessavam as Apúrias em seu caminho para Capua, eles caíram no meio das tropas romanas que estavam defendendo o distrito, e foram conduzidas a Valerio Levino, o pretor, que estava acampado perto de Luceria. Xenófane, o chefe da legação, explicou, sem o menor medo ou hesitação, que ele havia sido enviado pelo rei para formar uma aliança de amizade com Roma e que ele estava transmitindo suas instruções aos cônsules, ao senado e ao povo. Em meio à deserção de tantos aliados antigos, o pretor ficou encantado com a perspectiva de uma nova aliança com um monarca tão ilustre e deu aos seus inimigos uma recepção muito hospitaleira. Ele atribuiu-lhes uma escolta, e apontou com cuidado a rota que deveriam tomar, que lugares e passes eram ocupados pelos romanos e pelo inimigo. Xenófane passou pelas tropas romanas para a Campania e daí, pela rota mais próxima, chegou ao campo de Hannibal.⁵¹

⁵⁰ Guerra Social (221-217 a.C), conflito entre a Liga Aqueia juntamente com Filipe V da Macedônia contra a Liga Etólia. Chegou ao fim com a assinatura de um tratado de paz em 217 a.C.

⁵¹ *This struggle between the most powerful nations in the world was attracting the attention of all men, kings and peoples alike, and especially of Philip, the King of Macedon, as he was comparatively near to Italy, separated from it only by the Ionian Sea. When he first heard the rumour of Hannibal's passage of the Alps, delighted as he was at the outbreak of war between Rome and Carthage, he was still undecided, till their relative strength had been tested, which of the two he would prefer to have the victory. But after the third battle had been fought and the victory rested with the Carthaginians for the third time, he inclined to the side which Fortune favoured and sent ambassadors to Hannibal. Avoiding the ports of Brundisium and Tarentum which were guarded by Roman ships, they landed near the temple of Juno Lacinia. Whilst traversing Apulia on their way to Capua they fell into the midst of the Roman troops who were defending the district, and were conducted to Valerius Laevinus, the praetor, who was encamped*

O relato acima, narrado por Tito Lívio, apresenta a jornada dos emissários de Filipe para levar a Aníbal a proposta de uma aliança.

Em 215 a.C Aníbal aceita a proposta, forjando assim uma aliança entre Cartago e a Macedônia, e dando início a Primeira Guerra Macedônica.

2.3 – TRATADO MACEDÔNIO-CARTAGINÊS

Políbio apresenta em sua narrativa a descrição do tratado assinado entre Aníbal Barca e Filipe V da Macedônia em 215 a.C.

Este é um tratado jurado entre nós, Hannibal, o general, Magão, *Myrcan*, *Barmocar* e todos os outros senadores cartagineses presentes com ele, e todos os cartagineses que servem sob ele, por um lado, e Xenófanes, o ateniense, filho de Cleomaco, o enviado a quem o rei Filipe, filho de Demétrio, nos enviou em nome dele, os macedônios e aliados, do outro lado.

Na presença de Zeus, Hera e Apolo: na presença do Gênio de Cartago, de *Heracles* e *Iolaus*: na presença de Ares, Tritão e Poseidon: na presença dos deuses que lutam por nós e o Sol, Lua e Terra; na presença de Rios, Lagos e Águas: na presença de todos os deuses que possuem a Macedônia e o resto da Grécia: na presença de todos os deuses do exército que presidem este juramento. Assim diz Hannibal, o general, e todos os senadores cartagineses com ele, e todos os cartagineses que servem com ele, que, como parece bom para você e para nós, devemos nos unir com juramento para sermos amigos, parentes e irmãos, nestas condições. (1) Que o rei Filipe e os macedônios e o resto dos gregos que são seus aliados protegerão os cartagineses, os senhores supremos e Aníbal, seu general, e os que estão com ele, e todos sob o domínio de Cartago que vivem sob as mesmas leis; Da mesma forma, o povo de Utica e todas as cidades e povos que estão sujeitos a Cartago, e nossos soldados e aliados e cidades e povos na Itália, na Gália e na Ligúria, com quem estamos aliados ou com quem quer que neste país possamos entrar em aliança. (2) O rei Filipe e os macedônios e os gregos como os aliados devem ser protegidos e guardados pelos cartagineses que servem conosco, pelo povo de Utica e por todas as cidades e povos que estão sujeitos a Cartago, por nossa aliados e soldados e todos os povos e cidades da Itália, da Gália e da Ligúria, que são nossos aliados, e por todos os outros que se tornarão nossos aliados na Itália e nas regiões adjacentes. (3) Não entraremos em nenhuma trama um contra o outro, nem emboscaremos um ao outro, mas com todo o zelo e boa comunhão, sem engano ou design secreto, seremos inimigos de guerra do que forem contra os cartagineses, com exceção aos reis, cidades e portos com os quais celebramos tratados de aliança. (4) E nós, também, seremos os inimigos daqueles que fazem guerra com o rei Filipe, sempre com exceção dos gregos, das cidades e das pessoas com as quais temos jurado tratados de aliança. (5) Vocês serão nossos aliados na guerra em que nos comprometemos com os romanos até que os deuses garantam a vitória para nós e para você, e você nos dará a ajuda que precisamos ou concordarmos. (6) Assim que os deuses nos derem a vitória na guerra contra os romanos e seus aliados, se os romanos nos pedirem para chegar a

near Luceria. Xenophanes, the head of the legation, explained, without the slightest fear or hesitation, that he had been sent by the king to form a league of friendship with Rome, and that he was conveying his instructions to the consuls and senate and people. Amidst the defection of so many old allies, the praetor was delighted beyond measure at the prospect of a new alliance with so illustrious a monarch, and gave his enemies a most hospitable reception. He assigned them an escort, and pointed out carefully what route they should take, what places and passes were held by the Romans and what by the enemy. Xenophanes passed through the Roman troops into Campania and thence by the nearest route reached Hannibal's camp. Tradução nossa. Liv. 23.33

um acordo de paz, faremos uma paz de modo a compreenderemos também vocês, e na seguintes condições: que os romanos nunca possam fazer guerra contra vocês; que os romanos não mais serão mestres de *Corcyra, Apollonia, Epidamnus, Pharos, Dimale, Parthini ou Atitania*; e devolverão a Demétrio de Pharos todos os seus amigos que estão nos domínios de Roma. (7) Se alguma vez os romanos fizerem guerra a você ou a nós, nos ajudaremos mutuamente na guerra, conforme for possível, de cada lado. (8) Da mesma forma se outros também o fizerem, exceto sempre reis, cidades e povos com quem temos jurado tratados de aliança. (9) Se decidirmos retirar quaisquer cláusulas deste tratado ou para adicionar qualquer, retiraremos tais cláusulas ou as adicionaremos, conforme nós dois concordamos. . . .⁵²

A análise de interpretação desse tratado é importante para compreendermos certos aspectos dos conflitos em contexto, assim como daqueles aos quais tal tratado faz referência.

O ponto seis do tratado é importantíssimo para entender parte das intenções de Aníbal para a guerra com Roma. O que se pode inferir desse termo é, assim como ressaltado por Michael P. Fronda em seu capítulo⁵³ sobre a Segunda Guerra Púnica, Aníbal não planejava a destruição de Roma. Esse ponto torna-se evidente pois, assim como pode ser lido no tratado, assume-se a existência de Roma após a vitória Cartaginesa, inclusive a existência de um governo Romano apto a propor uma aliança.

Quando analisadas as motivações de Aníbal para dar início a campanha contra Roma, assim como quando se compreende a criação e contexto no qual cresceu, pressupõe-se que o

⁵² *This is a sworn treaty between us, Hannibal the general, Mago, Myrcan, Barmocar, and all other Carthaginian senators present with him, and all Carthaginians serving under him, on the one side, and Xenophanes the Athenian, son of Cleomachus, the envoy whom King Philip, son of Demetrius, sent to us on behalf of himself, the Macedonians and allies, on the other side.*

In the presence of Zeus, Hera, and Apollo: in the presence of the Genius of Carthage, of Heracles, and Iolaus: in the presence of Ares, Triton, and Poseidon: in the presence of the gods who battle for us and the Sun, Moon, and Earth; in the presence of Rivers, Lakes, and Waters: in the presence of all the gods who possess Macedonia and the rest of Greece: in the presence of all the gods of the army who preside over this oath. Thus saith Hannibal the general, and all the Carthaginian senators with him, and all Carthaginians serving with him, that as seemeth good to you and to us, so should we bind ourselves by oath to be even as friends, kinsmen, and brothers, on these conditions. (1) That King Philip and the Macedonians and the rest of the Greeks who are their allies shall protect the Carthaginians, the supreme lords, and Hannibal their general, and those with him, and all under the dominion of Carthage who live under the same laws; likewise the people of Utica and all cities and peoples that are subject to Carthage, and our soldiers and allies and cities and peoples in Italy, Gaul, and Liguria, with whom we are in alliance or with whomsoever in this country we may hereafter enter into alliance. (2) King Philip and the Macedonians and such of the Greeks as are the allies shall be protected and guarded by the Carthaginians who are serving with us, by the people of Utica and by all cities and peoples that are subject to Carthage, by our allies and soldiers and all peoples and cities in Italy, Gaul, and Liguria, who are our allies, and by such others as may hereafter become our allies in Italy and the adjacent regions. (3) We will enter into no plot against each other, nor lie in ambush for each other, but with all zeal and good fellowship, without deceit or secret design, we will be enemies of such as war against the Carthaginians, always excepting the kings, cities, and ports with which we have sworn treaties of alliance. (4) And we, too, will be the enemies of such as war against King Philip, always excepting the Greeks, cities, and people with which we have sworn treaties of alliance. (5) You will be our allies in the war in which we are engaged with the Romans until the gods vouchsafe the victory to us and to you, and you will give us such help as we have need of or as we agree upon. (6) As soon as the gods have given us the victory in the war against the Romans and their allies, if the Romans ask us to come to terms of peace, we will make such a peace as will comprise you too, and on the following conditions: that the Romans may never make war upon you; that the Romans shall no longer be masters of Corcyra, Apollonia, Epidamnus, Pharos, Dimale, Parthini, or Atitania: 14 and that they shall return to Demetrius of Pharos all his friends who are in the dominions of Rome. (7) If ever the Romans make war on you or on us, we will help each other in the war as may be required on either side. (8) In like manner if any others do so, excepting always kings, cities, and peoples with whom we have sworn treaties of alliance. (9) If we decide to withdraw any clauses from this treaty or to add any we will withdraw such clauses or add them as we both may agree. . . . Tradução nossa. Plb.7.9

⁵³ FRONDA; Michael P., 2011, p.250

objetivo final do cartaginês seria a destruição de Roma. Entretanto, com a ideia apresentada por esse tratado para o fim da guerra, torna-se mais plausível que o objetivo de Aníbal com sua campanha seria obrigar Roma se render e a criação de um tratado de paz. Ao final da Primeira Guerra Púnica, Cartago foi obrigada a aceitar os termos Romanos para a assinatura do tratado de paz, o qual foi considerado injusto e abusivo em relação a Cartago.

Portanto, um dos objetivos principais de Aníbal com a vitória sobre os romanos seria a assinatura de um novo tratado, dessa vez ditado pelos cartagineses.

Enquanto a destruição de Roma parece implausível, a destruição da soberania Romana e a criação de um equilíbrio de forças torna-se mais provável.

Outro ponto importante a ser ressaltado quanto a assinatura desse tratado é que, apesar de acontecer após a derrota romana em Canas e a aparente diminuição de suas forças e aliados, nem Aníbal nem Filipe consideravam Roma como derrotada ou sem forças.

A assinatura desse tratado mostra a preocupação cartaginesa em assegurar não só uma fonte de suprimentos e reforços, como em aumentar as frentes de guerra contra os romanos, aumentando a pressão em cima de seus inimigos. Além de garantir novos aliados, Aníbal, com a realização dessa aliança, evitaria que Filipe, uma força a ser reconhecida na época, se aliasse aos romanos, o que provavelmente significaria um forte golpe aos interesses cartagineses.

Aníbal parece também querer garantir a possibilidade de expansão, fazendo questão de ressaltar as áreas da Itália, Gália e regiões adjacente como futuros aliados de Cartago.

Para Filipe, esse tratado possui outras implicações e objetivos. Desde o início do conflito entre Roma e Cartago, o rei macedônio manteve atenção aos resultados dos embates entre as duas potências. Assim como ressaltado anteriormente por Tito Lívio, Filipe aguardava os resultados para decidir a quem se aliaria.

A aliança com Cartago, portanto não se devia a um particular ressentimento de Filipe pelos romanos, ou mesmo a simpatia pelas causas cartaginesas. Desde de sua posse como rei Macedônio, Filipe possuía uma forte tendência expansionista, o que o levou a Guerra Social contra a Liga Etólia. Essa expansão, em várias ocasiões colocou Filipe contra aliados de Roma, principalmente com suas pretensões pela Ilíria.

Portanto, ao se aliar com Aníbal, Filipe pretendia apoiar aquele em que a vitória parecia mais provável, além de assegurar com o tratado a reivindicação pelas regiões a leste do Adriático. Ainda, com a assinatura do tratado, Filipe poderia levar a cabo sua campanha na Ilíria sem ter que enfrentar a força romana em sua totalidade, uma vez que a maior parte estaria voltada a parar a invasão cartaginesa.

Contudo, o final do tratado apresenta uma outra motivação tanto para o tratado quanto para a atenção de Filipe para os conflitos com Roma. Entre seus últimos termos, está presente a devolução, para Demétrio de Pharos, de seus amigos sob domínio de Roma.

Desde seu exílio pelos romanos, Demétrio fazia parte dos conselheiros de Filipe, chegando a se tornar um de seus mais influentes. É inclusive atribuído a ele a atenção de Filipe

sob os acontecimentos na península itálica. A presença dessa cláusula levanta a pergunta de até que ponto se estendia a influência de Demétrio sobre Filipe.

Apesar de se esperar que com o resultado em Canas e a assinatura do Tratado houvesse uma maior investida contra os romanos, o ano de 215 a.C, na verdade, apresenta uma diminuição na intensidade dos embates entre cartagineses e romanos.

A aliança entre Cartagineses e Macedônios e a situação na qual Roma se encontrava, obrigou Roma a em 211 a.C formar uma aliança⁵⁴ com os inimigos de Filipe, a liga Etólia, uma vez que precisava se concentrar nos conflitos na Hispânia e principalmente na península itálica.

O tratado assinado entre Aníbal e Filipe, ocasionaram ainda desdobramentos que favoreceram os romanos. Com esse tratado, Aníbal se viu obrigado a auxiliar Filipe em sua campanha marítima contra os romanos no Adriático, assim como obrigou romanos a se aliarem ao Etólios para combater o avanço de Filipe.

Assim como Roma, Cartago precisou dividir suas forças e atenção em diversas frentes de batalha, como Hispânia, Itália, Adriático e posteriormente África. Entretanto, a capacidade de recrutamento e recuperação de Cartago provou-se menor do que a romana que, com o passar dos anos conseguiu se reerguer e levar a guerra para a África, culminando na derrota cartaginesa durante a Batalha de Zama em 201 a.C.

⁵⁴ Liv. 24.24.1–16

Deliberações Finais

A Segunda Guerra Púnica, inicialmente um conflito entre romanos e cartagineses, tomaria proporções grandiosas, ameaçando a soberania romana na época.

Desde o cerco a Sagunto, Aníbal se mostraria um inimigo destemido e hábil, capaz de colocar em perigo uma nação tão militarmente temida na época quanto Roma. A capacidade de Aníbal em realizar feitos extraordinários, como a travessia dos Alpes, assim como a maestria com que comandava seus exércitos pegaram Roma desprevenida, quase causando sua derrota.

Como Políbio relata em sua narrativa, uma guerra não é combatida apenas através da capacidade dos exércitos, mas principalmente na habilidade de seus comandantes. Nesse ponto, nos anos iniciais do conflito, o general Cartaginês se provaria não só mais hábil, como detentor de um maior conhecimento das capacidades do inimigo e do terreno no qual lutaria.

Emílio Paulo, o qual morreu lutando bravamente junto com suas tropas na Batalha de Canas, resultado fortemente influenciado pelo péssimo comando de seu colega cônsul (Varrão) ao qual se expressou contrário; Fábio Máximo, idealizador da tática que seria posteriormente empregada para combater com sucesso as tropas cartaginesas, mas que inicialmente foi má recebida e até descartada por evitar um conflito decisivo e Cipião Africano, que apesar de não presente nesse trabalho, seria o responsável pela vitória romana sobre os cartagineses e pela destruição de Cartago, são alguns exemplos dos poucos comandantes romanos que souberam combater Aníbal tanto em habilidade quanto em coragem.

As batalhas aqui descritas, Trebia, Trasimeno e principalmente Canas, tiveram caráter decisivo para a debandada dos aliados de Roma, uma vez que mostraram a inabilidade romana em lidar com o avanço cartaginês. Tal impacto foi agravado pela fama que Roma possuía como potência militar, ainda mais com sua derrota em Canas aonde, apesar da demonstração de forçar nunca vista antes com a disposição de oito legiões ao mesmo tempo em um campo de batalha, os romanos seriam massacrados por um inimigo em desvantagem numérica.

Essas vitórias cartaginesas ainda garantiram a Aníbal o suporte necessário para continuar sua campanha, tendo em vista que desde o início da campanha, esse possuía, não só menos soldados a sua disposição como limitados recursos e linhas de transporte. Os autores narram os acontecimentos dessa guerra deixando claro que, apesar do contínuo avanço e vitórias de Aníbal, esse estava em uma situação de desvantagem a todos os momentos, o que fez crescer ainda mais o impacto de suas vitórias.

A aliança formada entre Aníbal e Filipe V reflete no contexto político e militar que se encontrava a região naquele período. A necessidade de aliado, por ambas as partes, seria necessária caso quisessem continuar com suas respectivas agendas.

Filipe, cada vez mais influenciado e mal aconselhado, tentaria expandir ao máximo seus domínios, se aliando a Cartago em uma tentativa de acabar com a supremacia romana e possibilitar sua campanha pela Ilíria, a qual os romanos eram aliados e interferiam constantemente. Visto inicialmente com bons olhos pelas nações helênicas as quais conquistava ou eram aliados, Filipe

ganharia cada vez mais fama de Tirano, distanciando-se da figura de rei benevolente que inicialmente possuía.

O próprio Políbio atribui essa mudança de personalidade de Filipe, além da crescente sede de poder, aos péssimos conselheiros, destacando-se Demétrio.

Aratus percebeu que Philip agora estava abraçando abertamente a guerra com Roma e mudou completamente sua política em relação a seus aliados, e difícil desviou-o da intenção, sugerindo inúmeras dificuldades e escrúpulos.

Gostaria agora de lembrar aos meus leitores o que, no meu quinto livro, apresentava apenas como uma promessa e uma declaração não suportada, mas que agora foi confirmada por fatos; para que eu não deixe nenhuma proposição minha não comprovada ou aberta a questionar.

No decorrer da minha história da guerra de Etólia, onde eu tive que relacionar os violentos procedimentos de Philip em destruir as colunatas e outros objetos sagrados em Térmos; e acrescento que, em consideração de sua juventude, a culpa dessas medidas não deve ser referida tanto a Philip como a seus conselheiros; Eu então observei que a vida de Aratus provou suficientemente que ele não teria cometido tal ato de maldade, mas que tais princípios exatamente se adequavam a Demétrio de Pharos [...] com a presença de Demétrio, e na ausência de Aratus, que chegou um dia muito tarde, Philip deu o primeiro passo em sua carreira de crime; e, como desde o primeiro gosto de sangue humano e assassinato e traição para seus aliados, não foi transformado em um lobo de um homem, como na fábula arcadiana mencionada por Platão, mas de um rei a um tirano selvagem.⁵⁵

O trecho acima tem como objetivo não só retratar a mudança no caráter de Filipe após sua declaração de guerra contra Roma, mas também evidenciar a grande e negativa influência que era Demétrio para o rei.

Aníbal, que desde o começo necessitava de auxílio e tinha como objetivo a formação de alianças desde a Hispânia até a “libertação” das regiões oprimidas por Roma para a trazer fim a soberania Romana, garantia com esse tratado não só um forte aliado contra os romanos, mas também evitaria que Filipe se aliasse aos mesmos e dividiria as forças romanas em mais frentes de batalha.

O general cartaginês, após batalhas como Trasimeno e Canas foi aconselhado por aliados e temido pelos romanos de marchar diretamente contra Roma, dando um golpe decisivo contra a República romana. Entretanto, assim como fica evidenciado em sua recusa e como pode

⁵⁵ *Aratus seeing that Philip was now openly engaging in war with Rome, and entirely changed in his policy toward his allies, with difficulty diverted him from his intention by suggesting numerous difficulties and scruples. I wish now to remind my readers of what, in my fifth Book, I put forward merely as a promise and unsupported statement, but which has now been confirmed by facts; in order that I may not leave any proposition of mine unproved or open to question.*

In the course of my history of the Aetolian war, where I had to relate the violent proceedings of Philip in destroying the colonnades and other sacred objects at Thermus; and added that, in consideration of his youth, the blame of these measures ought not to be referred to Philip so much as to his advisers; I then remarked that the life of Aratus sufficiently proved that he would not have committed such an act of wickedness, but that such principles exactly suited Demetrius of Pharos. [...] with the presence of Demetrius, and in the absence of Aratus, who arrived a day too late, Philip made the first step in his career of crime; and, as though from the first taste of human blood and murder and treason to his allies, was changed not into a wolf from a man, as in the Arcadian fable mentioned by Plato, but from a king into a savage tyrant. Tradução nossa. Plb. 7.12

ser percebido pelas cláusulas presentes no tratado feito com Filipe, Aníbal não pretendia destruir Roma, mas sim acabar com sua supremacia sob a região, obriga-la a negociar um tratado de paz benéfico para os cartagineses e expandir a influência de Cartago.

Entretanto, diferente do que se esperava, a aliança com Filipe não teve o impacto esperado no decorrer da guerra, apesar de se mostrar um formidável inimigo para Roma, que foi obrigada a formar uma aliança com os Etólios para combater Filipe. Ainda assim, Aníbal precisou enfrentar diversas frentes de batalha além de dividir suas escassas forças para auxiliar aliados e proteger suas conquistas.

O resultado disso seria a desaceleração do avanço cartaginês, os romanos optam por utilizar a estratégia Fabiana, que anteriormente havia repudiado, com o objetivo de enfraquecer Aníbal e ganhar tempo para recuperar suas forças, e a intensificação dos conflitos nas demais regiões fora da península itálica.

Esse tratado, mesmo que em limitadas proporções não tenha tido um impacto significativo para a manutenção da guerra de Aníbal, levanta questionamentos e abre caminho para uma série de novas pesquisas com relação a história Romana, entre eles, a capacidade romana de lidar com a crise na qual se encontrava e sua incrível e rápida recuperação, que culminariam na Batalha de Zama, aonde Roma sai vitoriosa destruindo Cartago.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Polybius: *The Histories. The Loeb Classical Library (in Ancient Greek, English, and Latin).* Translated by Paton, W.R. London; New York: William Heinemann; G.P. Putnam's Sone, 1922–1927

Livy. *History of Rome. Translated by B. O. Foster. Loeb Classical Library 114.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

BIBLIOGRAFIA

DALY, Gregory. **Cannae, the experience of battle in the second Punic war.** Routledge. 2003.

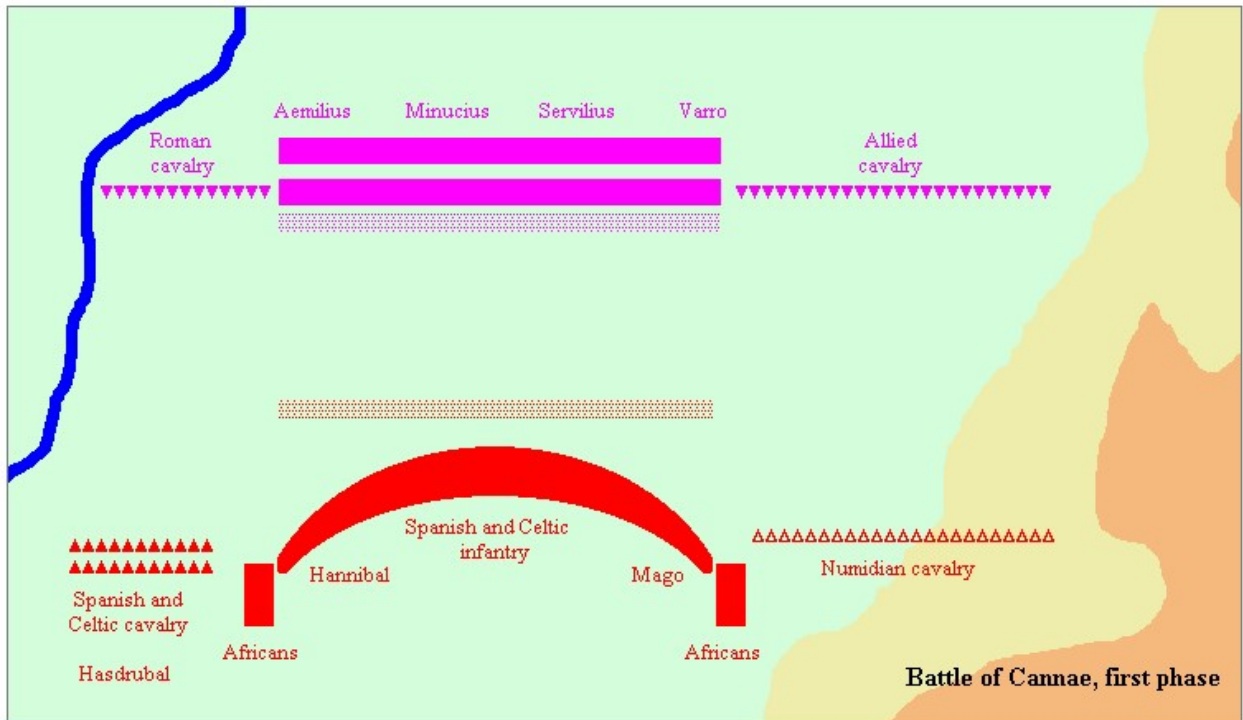
ERSKINE, Andrew. **Hannibal and the Freedom of the Italians.** Hermes.1993.

GOLDSWORTHY, Adrian. **The Fall of Carthage: The Punic Wars 265–146 BC.** Cassell. 2007.

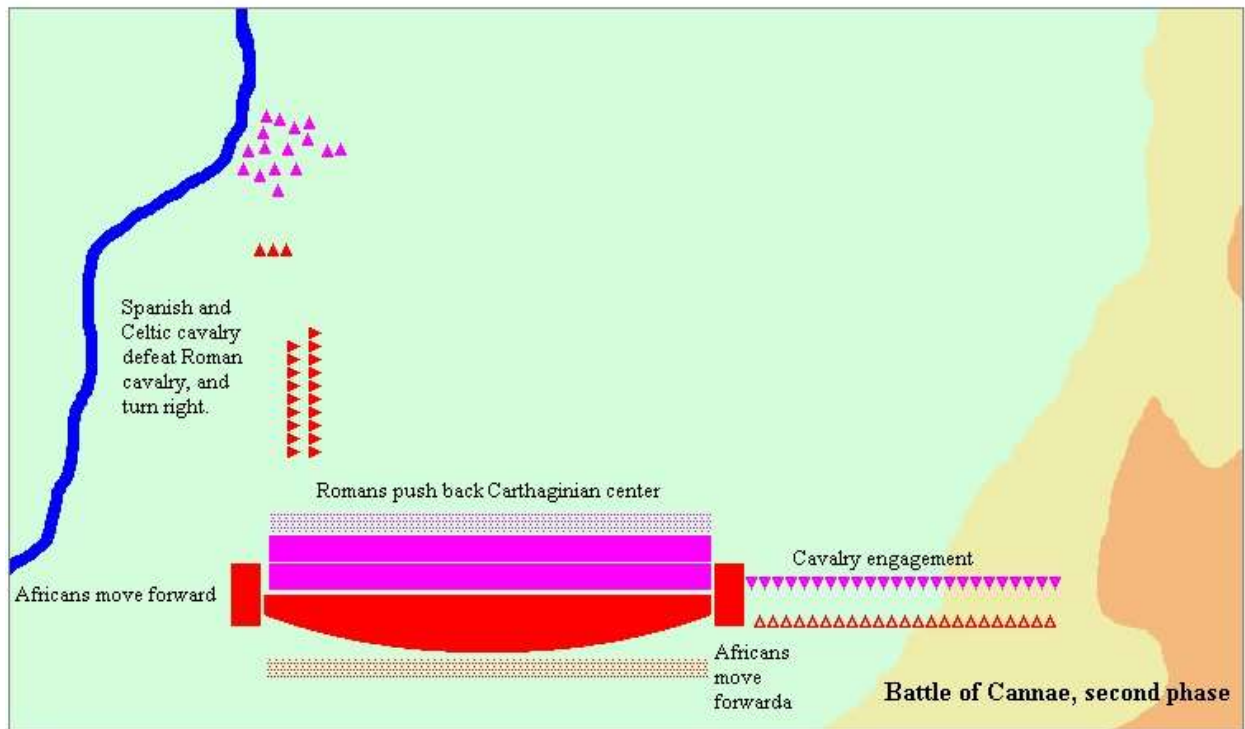
HOYOS, Dexter. **A companion to the Punic wars.** Wiley-Blackwell. 2011.

HOYOS, Dexter. **Hannibal: Rome's Greatest Enemy.** Liverpool University Press; 1 edition. 2008.

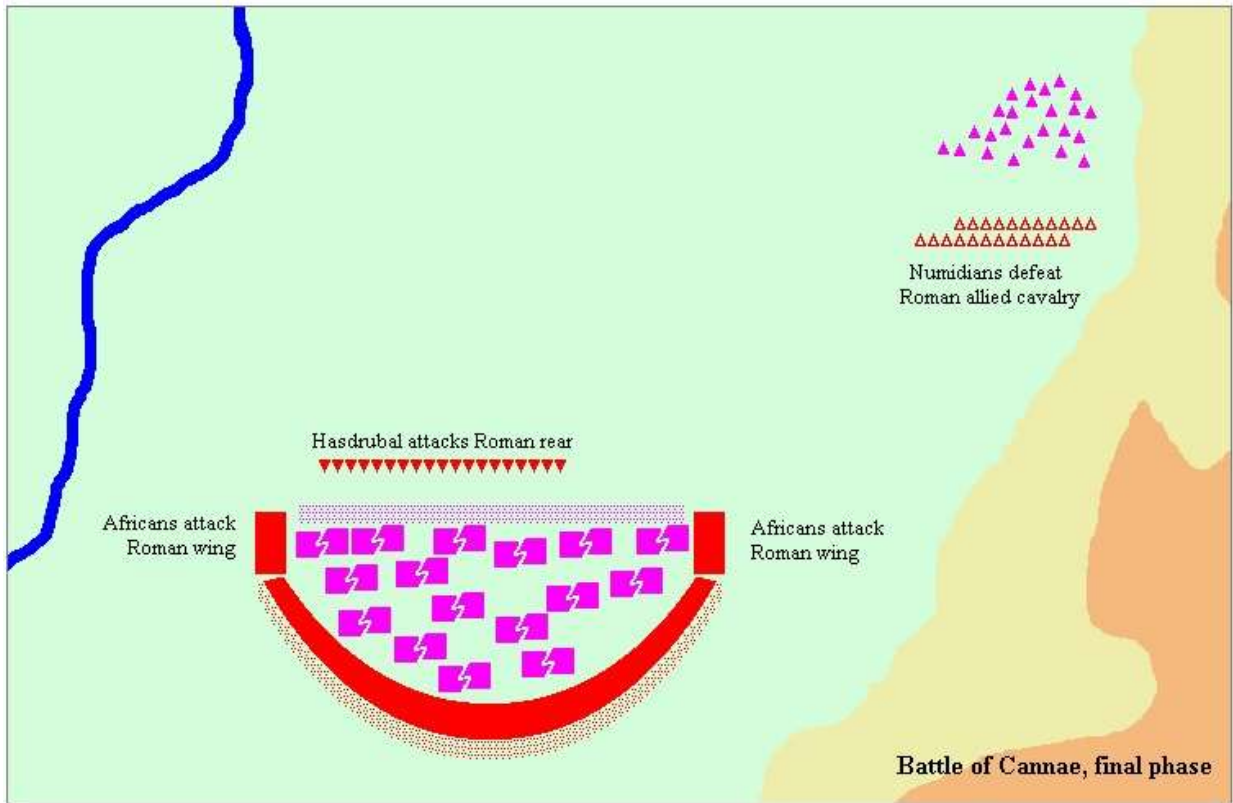
LAZENBY, J. F. **Hannibal's War: A Military History of the Second Punic War.** University of Oklahoma Press. 1998.



⁵⁷ <http://www.livius.org/pictures/a/maps/map-of-the-battle-at-cannae/>



⁵⁸ <http://www.livius.org/pictures/a/maps/map-of-the-battle-at-cannae/>



⁵⁹ <http://www.livius.org/pictures/a/maps/map-of-the-battle-at-cannae/>

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Dannel Luiz Alves da Costa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado, “DEUSES POR QUEM O JURAMENTO É RECEBIDO: uma análise da Batalha de Canas e do tratado entre Aníbal Barca e Filipe V da Macedônia”, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 14 de dezembro de 2017.



Dannel Luiz Alves da Costa